

Acredite

João Paulo Tomayno de Melo

- Está na hora de acordar. - Alertou uma voz feminina e neutra. As cortinas se abriram e a luz do Sol entrou no cômodo colaborando com o anúncio do despertador. Alex abriu os olhos e viu o teto branco de sua casa, levantou-se e foi até a cômoda, sobre a qual repousava o despertador. Colocando o dedo sobre a tela, a mesma voz retornou dizendo:

- Tenha um bom dia, Alexandre.

- Bom dia. – Respondeu bocejando.

Caminhou até o banheiro, lavou o rosto, voltou ao quarto e tirou o pijama, uma calça comprida e uma blusa de mangas longas, ambas de cor cinza. Abriu a porta corrida na parede e pegou um de seus trajes corriqueiros, os quais eram todos exatamente iguais: uma camisa branca impecável de botões que iam do ventre até a base do pescoço e uma calça comprida igualmente branca.

- Você tem quarenta e cinco minutos para realizar seu desjejum e chegar até seu local de serviço. - Disse novamente a voz.

Satisfeitíssimo com esse período de tempo, Alex foi até a geladeira, no lado oposto do mesmo cômodo e tocou a tela em sua porta, também branca, assim como todos os móveis e eletrodomésticos da casa. Escolheu, entre as várias opções no cardápio de desjejum, um pão com manteiga acompanhado de leite achocolatado. Era simples: bastava escolher a refeição, abrir a porta da geladeira e lá encontrar os alimentos em cima de um prato branco. Agindo mecanicamente, Alex se dirigiu até a mesa central do cômodo onde comeu sua refeição tranquilamente. Era um procedimento rotineiro, levantar, se arrumar, comer sua refeição, escovar os dentes. Assim, levantou-se e colocou sua digital na tela ao lado da porta de saída que, após confirmar sua identidade, se abriu.

Do lado de fora havia diversas casas como a sua, com a habitual forma circular, uma meia esfera branca com uma janela de vidro transparente e uma porta branca. Todas as casas de seu bairro tinham a mesma estrutura, um único cômodo que se assentava como sala de estar, quarto e cozinha, e um cubículo que servia de banheiro. Para pessoas como Alex que ainda não haviam sido pareados era mais do que o suficiente. A partir de sua moradia, ele tinha duas opções: a primeira era mais rápida e mais confortável, pegar uma Célula que o levasse para a Estação de Plantio, onde trabalhava; a segunda, ir caminhando. A Célula era um veículo pequeno, circular e branco que seguia uma linha pré-determinada até locais específicos, de forma rápida e cômoda. Alex olhou seu relógio e percebeu que estava adiantado, por isso escolheu ir caminhando até Estação, afinal, era seu momento de tranquilidade e reflexão.

As ruas que faziam o caminho de Alex para a Estação de Plantio eram exatamente iguais. Se não as conhecesse bem, poderia se perder facilmente. Todas eram pavimentadas de maneira uniforme, com o chão pintado de branco, com placas de cor metálica e telas informativas indicando o nome da rua e o seu destino conforme cada direção. Entre os dois sentidos da rua havia um canteiro com grama verde cortada uniformemente na mesma altura, seguindo-se o padrão perfeito de algumas árvores que também tinham o mesmo tamanho. Alex pensou em como aquelas eram as únicas árvores restantes no mundo e sentiu-se sortudo por estarem ali conservadas em sua cidade, mesmo que fossem cultivadas sinteticamente, assim como a grama. Sempre que as observava, perguntava-se a que ponto chegaram os antepassados para que destruíssem toda a vegetação natural do mundo.

Alex era um admirador da história do mundo, sendo a disciplina da qual mais gostava e para a qual mais se esforçou na Academia de Aptidão. Sempre que se lembrava do conteúdo estudado, levava o dedo indicador à têmpora direita, passando o dedo pela pequena depressão chamada de Marca do Crédulo. Por um momento, sentiu-se mais uma vez sortudo por ter nascido em um tempo onde a Crença existia. O mundo antigo, o mundo sem a Crença, havia

há muito morrido. Na verdade, Alex imaginava que o mundo como era fora assassinado por seus habitantes, por meio da individualidade e da incredulidade das sociedades. O egoísmo dos povos ancestrais chegou a um nível tão extremo que devastou a Terra, explorando todos seus recursos naturais e utilizando bombas para destruir aquilo não podiam ou não conseguiam possuir. A falta de confiança das pessoas para com aqueles que foram eleitos como governantes extinguiu o que sobrou do mundo antigo. Alex sabia que antes da Crença a raça humana estava fadada a extinção e suas comunidades ao fracasso.

Agora, de acordo com Alex, após milênios de existência, o mundo finalmente começara a funcionar como deveria, graças à Crença. Cada cidadão era enviado à Academia de Aptidão antes mesmo de serem capazes de andar e falar. Na Academia, eram ensinados todos os valores da Crença, especialmente no que concerne ao aspecto mais importante para a igualdade e o progresso: a verdade. Aquelles que comandam a Crença e governam a sociedade são conhecidos como os Pratas, administrando as cidades com honestidade, transparência e compromisso. A Crença não mente e tudo que os Pratas dizem é a mais absoluta verdade. Esses conceitos principais são reforçados durante quinze anos, período em que cada cidadão ingressa e se forma na Academia, sendo designado para uma das Estações de Trabalho segundo suas aptidões específicas.

“A Crença é o sistema perfeito”, pensou. A população trabalha para o governo e acredita plenamente nele, e o governo, por sua vez, comanda e cuida da população, com a verdade como seu mais importante valor. Tudo que é preciso para viver nesta sociedade harmônica é crer. Crer na Crença é fundamental para que a sociedade funcione.

Antes de virar a esquina para chegar ao prédio da Estação de Plantio, Alex observou o *outdoor* a sua frente, coçando sua Marca do Crédulo com o indicador. A imagem era de uma mulher sorridente na casa dos quarenta anos, vestindo um traje como o seu, com a exceção da cor. Os trajes prateados eram a única diferenciação entre os Pratas e os demais cidadãos. Ao

seu lado, um rapaz apertava sua mão também sorrindo. Sua roupa era como a de Alex, branca. Ao lado dos dois, letras prateadas estampavam sobre o fundo branco: “Verdade e Cumplicidade”; e abaixo, em letras maiores e mais vibrantes, “Crença na Crença”. Alex pensou que aquelas palavras eram as mais verdadeiras que poderia ler e que faziam total sentido.

Alex chegou à Estação de Plantio com cinco minutos de adiantamento. Iniciou sua jornada laboral, trabalhou por duas horas nas estufas, realizou seu repouso de uma hora e depois prosseguiu por outras duas horas na manipulação de genes vegetais, realizando somente uma pausa para o almoço e então mais duas horas destinadas à colheita. Quando terminou seu horário de serviço, deixou a Estação de Plantio completamente satisfeito com o dia e com as tarefas que havia realizado com maestria. Sua contribuição era tão importante para a cidade quando a dos demais cidadãos. Afinal, cumplicidade fazia parte dos principais valores da Crença.

A partir daí, finalizado seu expediente, Alex tinha duas opções: voltar direto para sua casa e passar a noite sossegadamente deitado em sua cama, lendo um bom livro publicado pela Crença ou assistindo um vídeo filme também produzido pela Crença; ou ir para a Praça Central, onde os cidadãos socializavam todos os dias após a conclusão de seus trabalhos. Alex escolheu a segunda opção, como de costume.

Solicitou uma Célula e entrou no veículo circular para que este o levasse ao local desejado. Com apenas quinze minutos chegou ao seu destino, trajeto que levaria ao menos quarenta minutos caminhando. Os avanços tecnológicos eram outra benção que a Crença trouxera aos cidadãos.

A Praça era um ambiente deveras arborizado, cheio de várias espécies de plantas e flores, e caminhos cercados por canteiros de grama. As árvores da Praça não eram como as das ruas, eram maiores e mais grossas, algumas chegavam a cinco vezes a altura de uma pessoa. Nos bancos e mesas brancos vários cidadãos se sentavam e conversavam. Para conhecer novas

peças e fazer novas amizades, bastava se sentar em um destes e esperar que alguém se aproximasse para lhe fazer companhia, ou sentar-se em um banco onde já houvesse outro cidadão. Os Pratas não frequentavam a Praça pois estavam sempre ocupados trabalhando para o funcionamento da cidade.

Alex se dirigiu até um dos campos da Praça, onde geralmente se encontrava com seus amigos. Quando chegou até lá, dois de seus amigos já se encontravam sentados em uma mesa comum com capacidade para três ou quatro pessoas. Os amigos presentes eram Marcos e Helena. Quando o avistaram, o saudaram-no e chamaram-no para que se sentasse junto a eles.

- Aqui. Há um lugar vago ao meu lado, Alex. – Disse Helena. Eram grandes amigos, Alex e Helena. Moravam na mesma rua, há três casas de distância, e conheciam-se desde o primeiro ano fora da Academia de Aptidão. Alex a considerava a moça mais bela que já havia conhecido, com sua pele clara e seu cabelo curto e escuro, e as sardas espalhadas por toda a face. Até sua Marca do Crédulo lhe parecia mais bela do que as demais. Com um sorriso sincero Alex foi até ela e sentou-se ao seu lado.

-Obrigado, Helena. – Disse satisfeito.

-Quais as novidades, Alex? – Perguntou Marcus, o grande jovem negro sentado ao lado de Helena. Marcus e Helena haviam sido prometidos um ao outro pelo Sistema de Pares, aquele que determinava quem eram os pares perfeitos e os unia. Embora estivesse feliz com a designação de sua amiga ao seu par ideal, uma pequena parte de Alex desejava que ele tivesse sido o escolhido como prometido de Helena, ao invés de Marcus. Apesar disso, acreditava completamente na veracidade do Sistema de Pares, sabendo que a Crença encontraria alguém tão perfeito para ele quanto Marcus era para Helena. Desde que foram designados a formar um casal, Marcus passou a integrar os encontros de Alex e Helena na Praça, embora a cerimônia de Pareamento oficial dos dois ainda fosse ocorrer em alguns meses. Assim que se

conheceram, Marcus e Alex se afeiçoaram muito facilmente e apreciaram a companhia um do outro.

- O de sempre, meu caro. – Respondeu Alex. – Apenas contribuindo para a sociedade e para a Crença.

- Posso concordar com isso. –Disse Marcus balançando o copo de vidro transparente à sua frente. O conteúdo do copo era suco de laranja, uma das frutas que Alex ajudava a cultivar na Estação do Plantio.

- E então, quais são as expectativas para o dia de amanhã? – Alex perguntou à dupla.

- Creio que será como todas as outras Avaliações. – Helena respondeu. – Nunca me senti tão bem e nunca fui tão produtiva em minhas contribuições.

- Eu acho provável que eu seja transferido para uma nova função. – Disse Marcus. – Tenho sentindo uma insistente dor no ombro e na Estação de Controle a saúde fisiológica é de grande importância.

- Tenho certeza que os Avaliadores lhe darão uma nova função que se encaixe completamente com a sua condição. – Helena afirmou. Alex coçou sua Marca e anuiu.

O dia de Avaliação era um evento mensal. Graças à Crença, boa parte das doenças, desde as mais comuns até as mais raras, havia sido eliminada da vida da população. Ainda sim, contudo, algumas doenças com altos níveis de letalidade podiam acometer aos cidadãos, além de condições psicológicas e psiquiátricas que não haviam sido curadas pelos médicos e especialistas da Crença até o momento. O dia de Avaliação servia para avaliar o corpo e a mente dos cidadãos, atestando sua salubridade ou capacidade cooperação na comunidade.

Alex permaneceu por mais algumas horas com seus amigos na Praça até que o toque de recolher alertasse as todos que deveriam estar de volta às suas casas em até quarenta e cinco minutos. Alex e Helena despediram-se de Marcus e deixaram o local tomando direções distintas da dele, visto que moravam em outra região da cidade. Durante o caminho de volta,

conversaram mais sobre o dia de Avaliação e sobre suas rotinas. Alex apreciava muito sua companhia, ainda mais quando os dois eram os únicos presentes. Uma parte teimosa de seu cérebro pensava no quanto desejava ter sido escolhido como seu par, ao invés de Marcus. Apesar da insistência, afastava estes pensamentos de sua mente e se conformava com a realidade, pensando que ainda haveria de encontrar seu par ideal, enfim, a Crença estava sempre certa e era sempre verdadeira. Coçou sua Marca mais uma vez.

Alex deixou Helena na porta de sua casa e despediu-se da amiga. Seguiu para sua casa e não demorou muito para ir dormir, considerando que já era tarde e o dia seguinte era importante para definir parâmetros de seu desempenho. Deitou-se na cama, finalmente, completamente satisfeito com o seu dia. Havia contribuído para sua cidade e passado algum tempo com seus grandes amigos, a quem adorava. Sua vida não poderia ser melhor e tudo isso graças à Crença.

No dia seguinte, após a rotina habitual, Alex se dirigiu até o Centro da Paz como todos os demais cidadãos para o Dia de Avaliação. Para isso, tomou uma Célula que já o aguardava na porta de sua casa.

Passou toda a manhã realizando diversos testes físicos e psicológicos. Respondeu a questionários sobre sua função na Estação de Plantio, preencheu formulários de personalidade e fez testes de inteligência e atenção. Os exames físicos eram mais simples, os Especialistas da Crença tinham máquinas que mediam completamente as capacidades fisiológicas dos avaliados.

Agora, Alex estava na sala da Especialista responsável por sua avaliação. Era uma mulher bonita, de rosto redondo e cabelos loiros que estavam presos em um coque. Suas roupas eram pratas – todos os Especialistas eram Pratas. No dia de Avaliação, sempre tinham duas feições durante a entrega dos resultados: neutralidade ou simpatia. Dessa vez, no entanto, a

Especialista tinha uma expressão diferente quando se sentou em sua cadeira para dar o parecer final dos exames de Alex.

A notícia que recebeu não foi nada do que poderia esperar. Não foi uma boa notícia, na verdade, foi péssima. A pior notícia que podia receber e que já havia recebido. De fato, foi uma notícia tão ruim que após ouvi-la o choque foi grande o bastante para que sua mente bloqueasse as palavras que seguiram os próximos instantes.

Alex estava doente. Era uma doença muito séria, intratável e degenerativa. Ele estava morrendo e lhe restava pouquíssimo tempo de vida. Não soube quando retornou de seu estado entorpecido, só conseguiu voltar a si quando a Especialista mostrou a ele uma imagem representativa de seu corpo com o *tablet*.

- A L-13 ataca primeiramente o estômago e o esôfago, se espalhando para o pulmão e o coração em questão de semanas. – Disse a Especialista mostrando o progresso da doença em um vídeo ao paciente. – Por outro lado, ao estágio que a doença se encontra em seu corpo é curioso que ainda não esteja sentindo fortes enjoos.

No momento em que ouviu as palavras da Especialista seu estômago revirou e ele quase teve que correr para o banheiro. Alex pensou então nas últimas semanas, se esforçando para lembrar se havia sentido algum dos sintomas descritos. “Talvez”, pensou, “estive tão satisfeito com minha função e meu dia-a-dia que não notei eventuais enjoos, ou não me lembro dos que tive, pois estive focado em coisas boas”. Foi então que percebeu: ele esteve mesmo enjoado nos últimos dias, como pôde ter sido tão negligente consigo mesmo? Levou o dedo à sua Marca e a coçou, a pequena fenda estava realmente incomodando naquele momento.

- Então, não há tratamentos? – Perguntou Alex se esforçando para controlar o enjoo.

- Eu sinto muito, mas não. – Respondeu a Especialista com o semblante soturno. – É uma doença autoimune com altíssima taxa de mutação. Seu progresso também é muito acelerado, em geral demora apenas algumas semanas para que a doença leve a pessoa ao óbito.

- Oh... – Alex tentava inutilmente organizar seus pensamentos.

- O procedimento a se seguir é o padrão para doenças terminais. Você terá uma semana para se despedir de seus conhecidos e então será trazido e alojado à Sessão Nove do Centro da Paz, onde vivem os pacientes terminais. A equipe do Centro da Paz fará todo o possível para deixar o senhor o mais confortável possível até o momento de sua passagem. – A Especialista checou mais uma vez o *tablet*, buscando informações adicionais. – Segundo seus exames, você tem um mês até que a doença se espalhe completamente e cause uma falência generalizada das funções fisiológicas.

Alex ouviu pacientemente aquelas palavras, embora não tivesse processado-as de maneira eficaz. Agradeceu a Especialista e deixou a sala. Caminhando pelos corredores do Centro da Paz até os elevadores pensou como pôde ser tão distraído a ponto de não notar o quão doente estava. Tomou o elevador ao lado de vários cidadãos que conversavam sobre seus testes, tão animados quanto ele estava no mês anterior, contando a Helena sobre seus resultados impecáveis.

Após deixar o Centro da Paz, Alex foi até a Praça. Nenhum cidadão trabalhava durante o Dia de Avaliação, portanto a maioria deles se reunia no local para falar sobre seus resultados. Ao invés de ir para o banco onde geralmente se encontrava com Helena e Marcus, Alex foi até um local totalmente novo e sentou-se em um banco em um ponto mais discreto da Praça. Não sabia como contaria aos dois sobre sua doença e não queria ter aquela conversa agora. Ele mesmo não acreditaria que estava morrendo não fosse um dos Especialistas da Crença a lhe dar a notícia. Por mais que se esforçasse, não conseguia se lembrar de ter ido uma só vez ao banheiro por se sentir mal, como deveria estar se sentindo com a L-13. Agora, no entanto,

sentia-se completamente enjoado, chegando a quase regurgitar o desjejum que fizera horas atrás.

Mesmo passando mais de uma hora sozinho no banco, não conseguiu organizar seus pensamentos. Não conseguiu se esconder por muito tempo, contudo, pois Helena o encontrou e veio em sua direção.

- Alex! – Disse e se sentou ao lado dele. – Onde esteve? Estive procurando-o por toda parte! Esperamos por você onde sempre nos encontramos, mas não apareceu. Por que não foi nos encontrar?

- Ah, Helena... – Alex disse com sentimentos conflitantes. Estava feliz por vê-la e por sua iniciativa em procurá-lo, todavia também estava triste por ter que revelar a ela sua condição. – Confesso que evitei encontrá-los intencionalmente. Recebi infelizes notícias hoje durante minha avaliação. Não sabia e ainda não sei como as contarei a você.

- De maneira honesta, é claro. – Helena disse pousando a mão no ombro de Alex, pois percebeu que o amigo estava muito abalado. – Sabe que pode me contar tudo que lhe aflige, afinal, é o amigo mais querido que tenho.

- Ouvir isso me faz tão feliz e ao mesmo tempo tão triste. – Declarou Alex preparando-se para revelar a ela o motivo de sua aflição. – Fui diagnosticado com uma séria doença, Helena. A Especialista calculou menos um mês até que a doença me leve. – Quando terminou de ouvir, Helena pareceu tão abalada quanto ele.

- Oh, Alex, não tenho nem o que dizer. – Helena passou os braços ao redor dele e o apertou. – Essa doença não possui nenhuma forma de tratamento? Não quero imaginar ter que perdê-lo.

- Infelizmente, não é um caso tratável. Tenho sorte por ainda ter sido capaz de contribuir para a cidade e a Crença por tanto tempo. Segundo a Especialista, eu já deveria estar sentindo os efeitos da doença há semanas. – E dizendo isso o enjoo voltou novamente. Seu rosto adquiriu

um tom esverdeado e a preocupação de Helena pareceu dobrar. Alex controlou o mal estar, mas sua Marca voltou a pinicar.

- Eu sinto muito, Alex, sinto tanto. O que farei aqui sem a sua companhia? – Alex sentia-se feliz por ouvir aquelas palavras, entretanto a cada outra que ouvia sentia-se culpado por desejar ser o par de Helena no lugar de Marcus. – O que posso fazer para ajudá-lo?

- Não há nada a se fazer, minha amiga. Tenho uma semana para me despedir de meus conhecidos e então serei alojado no Centro de Paz.

- Então sei bem o que farei por você. Passarei todos os dias dessa semana ao seu lado, irei para sua casa assim que terminar o expediente na Estação da Água. E ainda mais, promoverei uma festa de despedida para celebrar sua vida e todas suas contribuições para nossa comunidade. Convidarei todos nossos amigos e conhecidos. – Helena voltou a sorrir e isso fez Alex se esquecer da doença por alguns instantes. Ele morreria logo, sim, mas passar aquela semana com Helena seria a melhor maneira de se despedir. – Eu gostaria de fazer mais. Se pudesse, mudaria sua condição ao custo que fosse.

- Já está fazendo tudo o que pode e ainda mais, Helena. Não sei como poderia agradecê-la.

Após a conversa, Alex e Helena voltaram ao local onde geralmente ficavam na Praça. Marcus os esperava sentado pacientemente no banco. Os dois sentaram-se e contaram a ele sobre a doença. Marcus se mostrou chateado e frustrado e garantiu total apoio a qualquer necessidade que Alex poderia vir a ter nos próximos dias, tendo recebido muitos agradecimentos em retorno por sua boa vontade. Mais tarde, Helena acompanhou Alex até sua casa e garantiu que retornaria ao entardecer do dia seguinte.

Alex passou o restante da noite acordado. Era uma sensação estranha não ter horários para dormir, acordar, nenhum compromisso no dia seguinte, nenhuma obrigação. Por mais mórbida que fosse a sensação, ele também se sentia livre. Era algo totalmente novo não ter obrigações a desempenhar, lugares a comparecer, horários a cumprir, e estranhou

completamente esta nova perspectiva, chegando até mesmo a repudiá-la. Sentia-se um peso morto, sem contribuir em nada para a cidade, dando trabalho aos seus amigos que fariam tudo para que ele se sentisse bem. Lembrar-se da doença era o bastante para que se sentisse enjoado. Por duas vezes durante a noite expeliu os alimentos que havia consumido direto no vaso sanitário. Depois disso, começou a se sentir realmente doente. Divagou se não já não havia sentido aquilo antes e esquecido, como uma maneira de negar que estava adoentado.

Alex não demorou muito tempo para se recolher para sua cama. Quanto mais rápido dormisse, mais rápido chegaria o dia seguinte e com ele seu tempo com Helena. Além disso, as chances de se sentir mal e vomitar novamente eram menores se estivesse adormecido. Não esperava, no entanto, que fosse ter sonhos como os que teve. Alex não havia tido sonhos tão vívidos assim desde que era um jovem na Academia de Aptidão. Naquela época, sonhava com qual seria sua função ou como seria o seu par. Agora, seus sonhos envolviam um futuro mais imediato.

Alex sonhou que estava deitado em uma cama e que não se conseguia se mover, estando em um quarto no Centro da Paz. Olhou ao redor e percebeu que estava sozinho. Tentou falar, mas a voz não saiu de sua garganta que estava seca como se não tomasse água há dias. Inclinou sua cabeça para frente até conseguir ver seus braços e pernas estendidos na cama. Eram os mesmos braços que conhecia, mas, por mais que tentasse, mal conseguia mexer os dedos, os quais estavam azulados e flácidos. As pernas pareciam pesadas como chumbo. Ele sabia que sua doença que estava causando aquilo, roubando cada movimento seu, de seus braços e pernas, até sua voz. Podia sentir a doença se espalhando como um líquido corrosivo dentro de si. Seu coração batia com dificuldade como se uma mão o envolvesse e o apertasse. Aos poucos, sua respiração também começou a ficar mais pesada. Não conseguia puxar o ar para dentro dos pulmões, começou a sufocar. A doença estava vencendo e sua hora havia chegado.

Alex acordou desesperado, sentindo-se mal como nunca. Sua doença parecia ter avançado ao estado terminal após aquele sonho. Teve que correr mais uma vez ao banheiro, mas já não tinha mais alimentos em seu estômago para colocar para fora. Voltou para a cama, no entanto estava agitado demais para dormir. Somente conseguiu acalmar-se após pensar nas horas que passaria com Helena no dia seguinte. Logo que voltou a dormir, começou a sonhar novamente.

Dessa vez, estava em uma casa. Não era a sua, era maior e tinha mais cômodos. Reconheceu o modelo da casa de sua infância, quando morava com seus pais antes de ingressar na Academia de Aptidão. Essas casas eram onde os casais viviam após o Pareamento e onde criavam seus filhos até seu terceiro ano de vida.

Estava sentado em um sofá de frente para um televisor. Quando se deu por si, Helena sentou-se ao seu lado e o entregou uma tigela de canjica, uma de suas refeições favoritas.

- Espero que esteja do seu gosto, Alex. – Disse Helena sorrindo docemente.

- O que? – Alex balançou a cabeça. – Helena, onde estamos?

- Como assim, onde estamos? – Ela riu. – Estamos em nossa casa, tolinho.

- Nossa casa? Nós fomos Pareados? – Alex se encheu de alegria. Naquele momento, não sentiu nenhum vestígio do mal estar que a doença lhe causava.

- Mas é claro que sim, não se lembra? – Helena também tinha uma tigela de canjica e a provou com a colher que segurava.

- Mas como poderíamos? Estou doente, estou morrendo! – Helena parecia inalterada diante dos argumentos dele. – E Marcus? Vocês não tinham sido designados como casal? – Ela abanou a mão para ele como se aquilo fosse um assunto antigo.

- Já não discutimos tantas vezes o que aconteceu? Eles se enganaram.

- Se enganaram? Os Pratas não se enganam! – Helena deixou a tigela na mesinha de frente ao sofá onde se sentavam e se virou para Alex.

- Você está se sentindo mal? – Alex prestou bastante atenção em seu corpo. Não sentiu nada, nem mesmo um mero incômodo. Era como se estivesse com sua plena saúde novamente.

- Não... Eu me sinto bem. De fato, penso que nunca me senti tão bem!

- Então, é nisso que tem que acreditar. Não no que lhe dizem, mas no que você está sentindo realmente.

- Ainda não entendo. Como tudo isso tudo é possível?

- É possível porque você acredita que pode. Isso é a única coisa que precisa, Alex. Se acreditar que está bem, vai estar bem. Acredite.

Quando Alex acordou novamente a manhã já havia chegado. Não sentiu enjoo ou desconforto. As palavras que Helena lhe falara em seu sonho ainda estavam frescas em sua mente e ele sentiu que se acreditasse mesmo que estava bem ao menos poderia passar aquela semana sem sentir-se mal, como acontecera durante as últimas semanas, e aproveitar o tempo que teria com ela. Decidiu que por mais que a doença fosse, eventualmente, matá-lo, não deixaria que o impedisse de passar uma ótima semana ao lado de sua grande amiga.

Com isso em mente, passou o dia realizando todo o tipo de tarefa para se ocupar e para que as horas passassem mais rápido. Assistiu a vários programas e filmes da Crença na televisão. Leu os livros que sempre quis ler, pois aquela seria sua última oportunidade. Até mesmo saiu para dar voltas em seu bairro e ao redor da cidade, pois havia algumas regiões que ainda não conhecia. Enfim, realizou tudo que teve vontade por anos e que até então não havia tido tempo e ocasião favorável para tanto.

Ao entardecer, Helena bateu a campainha da casa de Alex que prontamente recebeu-a. Os dois passaram toda a noite conversando e comendo, experimentando todos os tipos de refeições. Agora que iria permanecer somente mais uma semana em sua casa, tinha a permissão da Crença para acessar quantidades ilimitadas da comida. Nenhum alimento ou bebida o fez mal. Foi verdadeiramente uma noite muito agradável e Alex desejou que Helena

pudesse permanecer em casa com ele até o dia seguinte. Infelizmente, ela teve que partir quando o toque de recolher soou, não obstante prometeu que voltaria no dia seguinte.

A semana de Alex foi definida por dias de alimentação exagerada, pesquisas sobre a L-13 e noites de conversas longas e agradáveis com Helena. Seguindo o conselho da Helena de seu sonho, ele acreditou estar saudável com toda sua força de vontade e não se sentiu enjoado uma única vez durante todos aqueles dias, por mais inacreditável que fosse.

A festa de despedida de Alex aconteceu em seu último dia em casa. Seria enviado para o Centro da Paz na manhã do dia seguinte. Assim sendo, Helena fizera questão de convidar todos os conhecidos de Alex, seus amigos, vizinhos, colegas de trabalho, até mesmo parentes que nem conhecia, haja vista não ter contato com as famílias de seus genitores, considerando que ambos haviam falecido enquanto ainda estava na Academia de Aptidão. A festa foi bem animada, todos queriam a atenção de Alex e ele precisou dividir seu tempo para conversar com os convidados. Muitos perguntaram sobre a doença e questionaram o fato de ele parecer tão bem que não aparentava estar sofrendo de algo tão sério. Não era o mais agradável dos assuntos, mas nem isso foi capaz de fazer Alex sentir qualquer incômodo. Estava cercado de pessoas que gostava e que gostavam dele. Helena ficou ao seu lado durante toda a festa, compondo a melhor parte de todo o evento.

Alex foi para casa naquela noite se sentindo muito bem. Pensava que era uma pena a semana chegar ao fim. No dia seguinte, seria levado ao Centro da Paz e nunca mais veria Helena ou nenhum de seus amigos. Por pior que fosse aquela ideia, ele decidiu que após aquela incrível semana não deixaria que a doença o deprimisse, quaisquer fossem as circunstâncias. “Não será muito difícil”, pensou, “afinal, tenho apenas mais três semanas de vida”.

Na manhã seguinte escutou o despertador chamá-lo pela última vez e se levantou, realizando seu desjejum e trocando de roupa. Há qualquer momento chegariam para levá-lo. Quando

terminou de se aprontar, deu adeus ao seu lar e caminhou até o lado de fora da casa para aguardar seu transporte.

Para sua surpresa, Helena o esperava do lado de fora. Havia solicitado ao seu supervisor que chegasse um pouco mais tarde naquele dia para que pudesse fazer companhia a Alex até que o transporte chegasse para acompanhá-lo. Após cerca de quarenta e cinco minutos, um veículo Coletivo chegou e parou de frente à casa de Alex. Era como uma Célula, porém com mais lugares e era usado apenas em casos especiais. Dois homens de roupas brancas com insígnias pratas nos braços desceram do Coletivo, vestindo o uniforme da equipe de segurança e escolta da Crença. Além disso, vieram acompanhados da Especialista responsável pela avaliação de Alex.

- Alexandre, viemos levá-lo ao Centro da Paz. – Disse com o mesmo ar compadecido que usou da última vez que se viram, quando o disse que estava morrendo. – Acredito que utilizou a última semana para se despedir de seus entes e conhecidos?

- Sim. – Respondeu. – Me deem cinco minutos. – Pediu e virou-se para Helena. O trio entrou no Coletivo atendendo ao pedido de Alex. – Helena, não tenho palavras para agradecê-la por essa semana e por tudo que fez por mim.

- Não me agradeça, por favor. – Helena parecia entristecida. – Fiz apenas o que pude e foi tão pouco. Como desejo que houvesse alguma maneira de curá-lo, Alex.

- Isso está fora de nosso alcance. Mas, sim, preciso agradecer. Foi a melhor semana de minha vida e tudo graças a você! – Alex a abraçou e Helena o apertou com força por longos momentos. – Fique bem, certo?

- Tentarei ficar, meu amigo. Tentarei ficar. – Repetiu e os dois se afastaram. - Adeus, Alex.

- Adeus, Helena. – Alex se separou dela e entrou no Coletivo.

Ao chegarem ao Centro da Paz, Alex foi levado à Sessão Nove, onde ficaria até sua passagem final. O Centro da Paz não tinha apenas funções relacionadas à saúde; era, na verdade, o

prédio mais importante de toda a cidade. Possuía dez sessões, cada uma responsável pelo funcionamento de um aspecto da sociedade. A Sessão Um era a mais importante delas, ficava no último andar e abrigava o gabinete do Governante, o chefe de estado da cidade e líder da Crença. Era na Sessão Um que o Governante, auxiliado por uma equipe de conselheiros da Crença, tomava todas as decisões sobre a cidade e seus habitantes.

Logo que chegou à Sessão Nove Alex foi levado à sala do Especialista que ficaria responsável por acompanhá-lo em seu período no Centro da Paz. Era um homem sério, de cabelos e barba grisalhos, que explicou todo o funcionamento das instalações. Alex teria um quarto próprio, embora fosse menor do que estava acostumado. Tinha a opção de passar seus dias dentro dele ou na área comum da Sessão Nove. A área comum era onde os pacientes podiam interagir entre si, ler livros ou assistir a programas em televisores. Como paciente da Sessão Nove, ele também faria consultas periódicas com o Especialista em intervalos de dois dias para que recebesse medicações que abrandassem os efeitos da L-13, tornando seus dias não tão sofridos.

Sua primeira semana no Centro da Paz passou tranquilamente. Alex se acostumou com facilidade à sua nova rotina. Na maior parte dos dias não se sentia enjoado e nenhuma vez passou mal como quando teve o terrível sonho onde a doença havia tirado seus movimentos. Os sintomas da L-13 pioravam apenas quando era obrigado a falar sobre eles durante as consultas com o Especialista, que sempre se mostrava intrigado com o bem estar de Alex. Durante todas as consultas, a Marca do Crédulo coçava insistentemente em sua têmpora.

A Sessão Nove abrigava, além de pacientes terminais, as pessoas que sofriam de transtornos mentais e as gestantes que precisavam ser constantemente acompanhadas pelos Especialistas para assegurar a saúde do feto até o nascimento. Logo nos primeiros sete dias, Alex se aproximou de três outros pacientes da Sessão Nove.

O primeiro deles foi Jorge, um homem de quarenta anos de idade que sofria de uma doença mental que afetava seu raciocínio. Em decorrência de seu distúrbio, não era capaz de organizar seus pensamentos da maneira correta. Afora disso, era um sujeito amigável e pacífico. Ele vivia no Centro da Paz há mais de três anos.

O segundo era João, um senhor de idade que também sofria de uma doença terminal, como Alex. A sua, no entanto, fazia-o sentir fortes dores de cabeça a ponto de o deixarem cego durante suas crises.

A última era Mariana, uma moça grávida que era um pouco mais velha que Alex. Sua gestação já estava na vigésima sexta semana. Ela muito magra e isso trazia grande contraste entre seu corpo e sua barriga, que estava grande e parecia sempre inchada.

O trio recebeu Alex muito bem quando ele chegou à Sessão Nove. João, que também sofria de uma condição degenerativa, sabia bem o quão solitário podia ser a ideia de estar morrendo e por isso foi o primeiro a se aproximar de Alex. Convidou-o a se sentar com ele, Jorge e Mariana durante as refeições e isso logo se tornou um hábito. Naquela manhã, o quarteto estava mais uma vez reunido na área comum após o horário do café da manhã.

- Ele vai ter cabelos loiros, como os do pai. – Disse Mariana tocando carinhosamente sua barriga. – A Crença é mesmo maravilhosa. Imagino como deveria ser terrível carregar seu filho sem saber nem mesmo a cor de seus cabelos! – Jorge soltou uma risada, sua resposta inicial a tudo que ouvia.

- Penso naqueles que, como eu, tinham dificuldades relacionadas à mente. – Disse Jorge rindo como sempre. – Li um livro que contava como os loucos eram abandonados nas ruas ou em prisões chamadas manicômios. Pobres ancestrais!

- A meu ver, o pior de tudo devia ser sofrer de várias doenças ao longo da vida. A Crença nos conta que no mundo antigo as pessoas adoeciam ao menos quatro vezes no ciclo anual. –Disse

Jorge, o mais velho e experiente do grupo. – Deviam ser mesmo duros na queda, os antigos.

Uma só doença já me sentenciou à morte, imagine quatro delas ao ano!

- Fico agradecido pelo suporte que a Crença nos dá no fim de nossas vidas. – Concordou Alex, que se sentia completamente acolhido na Sessão Nove mesmo que desejasse poder passar seus últimos dias com Helena. - Embora não me sinta tão mal quanto deveria, seria terrível ter que enfrentar tal condição por conta própria, como as pessoas faziam antes da Crença. – Alex havia notado que sempre que sua doença era abordada, a pequena Marca do Crédulo em sua têmpora começava a coçar e incomodar. Por mais que tentasse ignorá-la, quando dava por si já estava a coçando.

- Tem toda razão, Alex. Quanto tempo os Especialistas estimaram até que sua doença o leve?

– João perguntou.

- Tenho mais duas semanas, segundo as estimativas.

- Oh, pobrezinho! – Disse Mariana. – Queria que pudesse conhecer meu garotinho, Alex. Contarei a ele sobre você quando nascer.

- É muita gentileza sua, Mariana. – Alex respondeu. No momento em que se virou para agradecê-la, viu que alguém os observava durante sua conversa do outro lado da área comum. Era uma mulher negra e muito séria. Seus olhos não se desviavam por um segundo do grupo. Alex deduziu que ela era uma paciente como ele, baseado em suas roupas e aparência. Ele já havia notado sua presença outras vezes, mas não havia prestado real atenção nela até aquele momento. O único aspecto que havia notado era que sempre estava sozinha.

- Com licença, colegas, desculpem-me por interrompê-los. – Pediu Alex e os três desviaram sua atenção para ele. – Aquela senhora, do outro lado, nos observa desde que chegamos aqui. Algum de vocês a conhece?

- Oh, não, não, não! – Disse Jorge. Sua expressão era curiosa, como se ele estivesse prestes a contar um segredo. – Aquela é Mônica, Alex. – Sua voz adotou um tom mais baixo. –Ela é ainda mais louca que eu. Dizem que ouve vozes.

- Os Pratas nos aconselharam a manter distância dela. – Disse Mariana da mesma maneira sigilosa que Jorge. –Dizem que ela tem alterações de humor e que pode ficar agressiva de um momento para o outro. Já a vi atirando a bandeja de remédio nos guardas e gritando com eles uma vez. Nessa ocasião, corri de volta para meu quarto, temi que ela acertasse algo em minha barriga e machucasse meu bebê. Ela me assusta.

Enquanto contavam a Alex sobre Mônica, ela lhe pareceu realmente assustadora. Seu olhar era fixo e vidrado, seu cabelo estava desganhado e seu rosto era marcado por olheiras muito profundas, como se ela não dormisse há dias. Alex teve a sensação que ela não estava apenas olhando na direção do grupo, mas que olhava diretamente para ele. Decidiu, por fim, que manteria distância dela, como seus colegas e os Pratas aconselhavam.

No dia seguinte, Alex foi levado até a sala de seu Especialista responsável para mais uma consulta. Antes mesmo de realizar qualquer exame, o Especialista, que já era normalmente uma pessoa séria, parecia com o cenho ainda mais fechado do que de costume.

- Como está se sentindo hoje, Alex? – Perguntou não alterando a expressão.

- Como me sentia há dois dias. –Respondeu Alex sucintamente. – Sinto-me como se não estivesse doente.

- Em todos meus anos de contribuição para a Crença, seu caso é de longe o mais intrigante que já tive contato. – Disse o Especialista analisando atentamente o *tablet* que segurava. – Infelizmente, temo não ter boas notícias. – Alex já estava acostumado a más notícias. Em todas suas consultas era lembrado que estava muito doente e que devia estar se sentindo muito mal. - Embora você não esteja sentindo os sintomas da L-13, os exames mostraram que a

doença progrediu a uma velocidade maior do que foi prevista nos exames iniciais e periódicos.

- E o que, de fato, isso significa? – Alex perguntou esforçando-se para não sucumbir à sensação mórbida que sua condição trazia. O Especialista virou o aparelho para que Alex pudesse ver o exame.

Na primeira vez que viu aquela imagem, durante o dia de Avaliação, a representação mostrava as veias de seu corpo se tornando escuras, como se raízes negras se espalhassem por seu corpo através das vias sanguíneas. A imagem que via agora estava bem diferente. As “raízes” haviam se espalhado para todo o corpo e não havia órgão ou tecido que não houvesse sido comprometido. Naquele instante, Alex sentiu uma forte tontura e quase caiu da cadeira. Sua têmpora coçava tanto que chegava a doer.

- Como pode ver, a doença já se instalou em todo seu corpo. Seu tempo estipulado de vida era baseado em um progresso mais lento da doença. Isso significa que não é mais uma questão de tempo. Você pode morrer a qualquer momento.

Por mais que tentasse permanecer otimista, a notícia que recebeu tornou essa tarefa ainda mais árdua. Alex retornou para seu quarto e ficou por lá durante o restante do dia. Pela primeira vez desde a noite em que sonhou com Helena, ele sentiu-se realmente mal. Pensava que se acreditasse com todas suas forças que não estava doente, talvez realmente não estivesse, no entanto, com todos aqueles Especialistas dizendo a ele que estava morrendo, não tinha razões para acreditar o contrário. Agora, podia sentir a doença se espalhando por suas veias e seu coração bombeando sangue infeccioso por todo o corpo. Uma pequena e tímida parte sua desejava que estivessem errados. Essa noção de que a Crença e os Pratas poderiam estar errados era até então inconcebível. Mesmo assim, começava a surgir em seu íntimo e se tornava cada vez mais atraente.

Alex passou metade da noite indo ao banheiro, vomitando tudo que havia comido durante o dia. Quando tentou se alimentar, a comida mal parou em seu estômago antes que ele a jogasse para fora novamente. A outra metade da noite Alex passou se esforçando para não dormir. Seu temor era que se dormisse a doença tomaria conta de seu corpo e ele morreria sem ao menos perceber. A ideia de morrer dormindo era antes uma noção reconfortante, contudo, agora que seu fim estava tão próximo, o deixou ainda mais aterrorizado. Durante toda aquela agonizante noite sua Marca do Crédulo parecia prestes a implodir.

Alex contou as horas até o amanhecer. Não podia dormir e se sentia enjoado constantemente. Quando o sol finalmente nasceu, a hora da abertura da área comum chegou junto. Alex dirigiu-se apressado para o local. Precisava de alguma distração ou ficaria tão louco quanto Jorge ou Mônica. Em seu caminho se deparou com um dos muitos cartazes da Crença que ficavam pendurados nos corredores do Setor Nove. Pela primeira vez, em seu âmago, ele questionou aquelas palavras. “Cria na Crença. Por que eu deveria? Tudo que me sabem dizer é que estou morrendo e no quão ruim estou.”

Mas Alex nunca diria aquelas palavras em voz alta e nem mesmo as admitiria para si mesmo. Censurou-se só por ter pensado nelas e continuou a caminhar para a área comum. Quando chegou, o lugar estava incomunmente vazio. Não havia membros da equipe de segurança nem tampouco pacientes. Supôs que estava tão vazio por ainda ser muito cedo. A única pessoa presente era Mônica. Sentada em um canto, olhava de maneira fixa para uma parede como se sua mente estivesse longe dali. Contrariando os avisos dos Especialistas e de seus colegas, ele resolveu aproximar-se dela. Afinal, estava morrendo, que perigo poderia correr?

- Com licença. – Disse aproximando-se de Mônica. Ela não esboçou reação, continuando completamente entretida com a parede que encarava. – Você é Mônica, não é mesmo?

- E você está morrendo, não é mesmo? – Os olhos de Mônica se voltaram para ele. – É curioso o que o cérebro faz frente à morte iminente, ele tenta buscar justificativas e motivos

para que aquilo não seja verdade. – Mônica o contemplava com curiosidade. – Mas você sabe do que estou falando, não é mesmo? – Ela então esticou o dedo indicador e tocou a têmpora de Alex, que coçou ainda mais após o toque. – Porque você acredita, mas não crê mais, não é mesmo? – Alex sentiu como se sua garganta se fechasse. Sua primeira reação foi negar absolutamente tudo que ela dissera. Mas no momento seguinte, como Mônica havia narrado, seu cérebro começou a buscar motivos para que as palavras dela fossem verdadeiras.

- Como pode saber dessas coisas? – Perguntou Alex cada vez mais intrigado. Era como se aquela mulher que ele não conhecia soubesse mais sobre si do que ele próprio. Os questionamentos mais profundos e escondidos de Alex saíram da boca dela com tanta facilidade que ele perdeu o fôlego. Aquelas palavras eram blasfemas, porém lhe pareceu que eram as mais sinceras que já havia ouvido. – Como você...

- Você está fazendo as perguntas erradas. – Ela o interrompeu. Alex não protestou, Mônica o havia hipnotizado completamente. – As perguntas que deveria mesmo estar fazendo são: por que estou doente? Por que me sinto bem quando me dizem que estou morrendo? Por que... – Mônica voltou a cutucar a Marca do Crédulo de Alex. – Essa Marca coça tanto? Por que eu tenho essa “Marca do Crédulo”? – Disse em tom de desdém.

- A Marca do Crédulo é um marco evolutivo. – Alex disse exatamente como lhe ensinaram, repetindo dezenas de vezes na Academia de Aptidão. - Todas as pessoas que nasceram depois que a Crença foi instaurada nasceram com a Marca do Crédulo. É um sinal do progresso humano e da nossa diferença em relação aos ancestrais.

- Rá! – Mônica riu. – Sim, é claro que sim. “Marco evolutivo”. – Mônica disse se alterando. Alex temeu que as histórias sobre seus atos agressivos fossem reais. – Então se pergunte isso: por que você tem a Marca do Crédulo e eu não?

Alex podia ver claramente a Marca na têmpora de Mônica. Por um instante, acreditou que as histórias sobre Mônica eram verdadeiras e que ela tinha inventado tudo o que havia lhe dito instantes antes.

- Mas eu posso ver sua Marca. Assim como a minha, está em sua têmpora direita. Está claramente a . – Disse apontando para a Marca de Mônica.

- Ah, é mesmo? – Ela tomou o dedo que Alex usou para apontar e o levou até sua Marca. – Está sentindo alguma coisa? Sentindo alguma Marca como a sua?

Alex não percebeu inicialmente o que ela queria dizer, mas passando o dedo algumas vezes a diferença se tornava clara. Não havia depressão na pele de Mônica como ocorria na sua. A Marca era como um desenho realista em sua pele e definitivamente não se parecia em nada com a cicatriz na têmpora de Alex.

- Como...

- Como, como, como. Você tem que iniciar cada pergunta dessa maneira? – Mônica bufou. – A sua marca é diferente da minha porque eu não possuo uma. A minha é apenas um desenho, uma representa o.

- Isso não   possível. Todos os cidadãos, cada um de n os, nasce com a Marca do Crédulo desde a instaura o da Crença. Está nos livros didáticos de fisiologia e nos de história!

- Nascemos,  ? – Mônica sorriu mostrando que sabia de algo que Alex não sabia. – Então por que eu não nasci com uma? – Alex ponderou, no entanto não conseguiu pensar sequer em uma resposta possível. – Quer saber por que a sua marca é uma depressão e a minha é apenas um desenho em minha pele?

Ele assentiu. Uma sensa o nova nascia dentro de si, era como se sua vida tivesse terminado e ele estivesse vivendo um pós-vida que alterava toda a sua percep o. Essa situa o, por mais incomum que fosse, era a única coisa que conseguiria se agarrar agora que poderia morrer a qualquer momento. Alex decidiu que iria até onde fosse necessário para entender tudo aquilo.

- Se quiser mesmo descobrir, toda a informação que busca está em um *tablet* guardado na gaveta da sala de plantão. – Mônica informou com os olhos brilhando de excitação. – Diga aos guardas que não se sente bem e peça para ver o Especialista que está de plantão.

- Você me pede para mentir aos guardas? – Ela revirou os olhos.

- Você não está se sentindo mal? Está com a cara péssima. Não estará mentindo a eles, apenas omitindo suas reais intenções. Eu farei com que o Especialista de plantão saia da sala. Então, pegue o aparelho na gaveta e saia de lá. Não se preocupe, eles não sentirão falta dele pois não pertence a eles.

- Mas mesmo que obtenha o *tablet*, precisarei da digital do dono para desbloquear a tela. E apenas os Pratas tem acesso a eles.

- Oh, mas não vai precisar. Ao invés da leitura de digital, eu coloquei uma senha para que eles não conseguissem me obrigar a transferir as informações a eles.

- Senha? O que é uma senha? – Perguntou Alex que já havia ouvido aquela palavra, entretanto não conhecia seu significado.

- Uma senha é um código ou uma palavra de segurança para impedir o acesso de pessoas indesejáveis. – Explicou Mônica impaciente.

- Por que evitaríamos o acesso dos Pratas? A verdade é um dos principais conceitos da Crença. – Alex comentou inconformado. A utilidade de senhas era completamente estranha a ele. – Nós não devemos esconder nada deles.

- Quer descobrir sobre a Marca ou não, rapaz? – Alex assentiu, embora ainda não se sentisse bem com aquela situação. – O importante é que se lembre da senha que irei lhe falar. Quando estiver seguro e com o *tablet* em mãos toque na tela frontal para ligá-lo. Um teclado virtual aparecerá e você deverá digitar a palavra “Nocebo”. Essa é a senha.

Alex seguiu as instruções de Mônica com exatidão. Caminhou até os guardas e pediu que o levasse a sala do Especialista de plantão. Quando perguntaram o motivo, disse que não se

sentia bem, o que era verdade de fato. Ao chegar à sala de plantão começou a explicar o que sentia ao Especialista. Subitamente, enquanto relatava sua situação, foram surpreendidos com uma comoção do lado de fora da sala. O Especialista que o atendia foi chamado por um dos guardas para ajudar a conter uma paciente que acabara de sofrer um surto. Nesse momento, aproveitando-se da oportunidade, abriu a gaveta que Mônica indicara e lá encontrou o objeto completamente empoeirado. Guardou-o por baixo de sua blusa e retornou ao quarto antes que o Especialista e os guardas retornassem.

Alex esperou que a confusão na área comum passasse até que tivesse confiança o suficiente de que não seria pego para retirar o *tablet* de suas roupas. Não sabia o que Mônica havia feito para chamar tanta atenção, mas havia funcionado como ela havia previsto. Por fim, tirou o aparelho de dentro da blusa e o analisou por alguns instantes. Parecia ser um modelo comum de *tablet* usado pelos Especialistas e Alex se perguntou como Mônica poderia saber onde estava. O fato de que estava certa sobre o local onde estaria guardado o objeto apenas reforçava a ideia de que Mônica não era louca e sabia muito mais do que ele sobre a Crença.

Alex tocou a tela da *tablet* e esta se acendeu em resposta. Ao contrário do que estava acostumado, não houve nenhuma voz que perguntasse o que ele gostaria de fazer ou que ditasse comandos. No lugar das vozes surgiu um teclado de letras e números na tela, como Mônica dissera que apareceria. “É agora que devo digitar a senha”, pensou Alex. Levou os dedos às teclas e digitou a palavra “Nocebo”. Em um segundo depois a tela se abriu mostrando o ícone de uma pasta amarela. Quando a abriu, visualizou um arquivo de vídeo com o nome de “IIPS”. Alex clicou em cima dele e aguardou o vídeo se abrir. As imagens mostraram uma moça negra e bonita usando um uniforme dos Pratas. Alex prestou total atenção quando ela começou a falar.

“O Implante Intensificador Psicossomático é um pequeno chip, do tamanho de um grão de arroz, que é inserido no cérebro de cada criança recém-nascida. A inserção é feita através de

uma injeção na têmpora para alojar o implante no Córtex Pré-Frontal do cérebro. A partir dele o implante espalha sua atividade por todo o encéfalo e posteriormente para toda a rede nervosa do corpo”. Nesse momento, o vídeo mostrou imagens de um Especialista dos Pratas inserindo uma agulha na têmpora de um bebê e em seguida a imagem do chip dentro do cérebro da criança. “O Implante molda o sistema nervoso, amplificando as funções psicossomáticas. O reflexo fisiológico dos cidadãos é absoluto. Isso significa que se acreditarem estar sofrendo um choque seu corpo reagirá como se isso, com efeito, estivesse acontecendo. A dor, a paralisia e todos demais os efeitos serão sentidos pela pessoa. As doenças, por sua vez, também funcionam da mesma maneira. Caso acreditem estar doentes, ficarão mesmo doentes e logo sucumbirão em decorrência da doença, caso digam-lhes que seja letal.”

Alex terminou de assistir ao vídeo sem compreender o que acabara de ouvir. Ele entendeu, contudo tinha dificuldade em aceitar aquelas informações. Tocou sua Marca do Crédulo, que estranhamente havia parado de coçar totalmente. Se aquilo fosse mesmo verdade, por que a Crença haveria de esconder essas informações? As implicações maiores não passaram por sua cabeça naquele momento, portanto resolveu assistir novamente o vídeo. Quando terminou, assistiu mais uma vez. Percebeu então que aquela moça, a que explicara sobre o implante, era Mônica, mais jovem e vestida como uma Prata. Indagou como fora parar na Sessão Nove como uma paciente vítima de transtornos mentais se havia sido uma Especialista da Crença?

Tantas perguntas se formaram na cabeça de Alex naquele dia que ele não foi sequer capaz de deixar o quarto por muitas horas. Não se sentiu enjoado, nem sentiu fome ou sede. Perguntas que nunca haviam surgido em sua mente agora brotavam incessantemente. Começou a se lembrar de todas as suas consultas e de como se sentia mal imediatamente após ser informado que deveria estar sentindo os efeitos da doença. Lembrou-se, também, dos dias com Helena e de como não sentiu sequer um enjoo durante aquele período. Seu cérebro, exatamente como

Mônica havia descrito, buscava justificativas que nunca havia procurado até então. Subitamente, a verdade o atingiu.

A Crença havia mentido sobre a Marca do Crédulo. Não se tratava de um marco evolutivo, mas sim uma cicatriz oriunda da aplicação do Implante Intensificador Psicossomático. Uma verdade escondida, sobre o IIPS, e uma mentira, sobre a Marca. Questionou-se sobre o que mais teriam mentido e escondido e se sua doença não seria mais uma mentira que se tornara verdade por meio da ação do Implante. Se o Sistema de Pares não fosse correto como haviam dito, teria sido Helena erroneamente pareada a Marcus?

Alex não aguentou mais ficar no quarto com tantas perguntas. Precisava buscar respostas e a única pessoa que podia lhe dar era Mônica. Alex retornou então à área comum da Sessão Nove e a encontrou do lado oposto do salão, sentada em uma poltrona branca. Seus colegas, Jorge, João e Mariana o chamaram, entretanto Alex se obrigou a fingir não ter ouvido. Não gostava de ser indelicado com eles, mas precisava conversar com Mônica como se sua vida dependesse daquilo. E, de fato, dependia.

- Vejo que assistiu ao vídeo. – Mônica disse ao ver que se aproximava.

- Sim, assisti. Tenho tantas perguntas que não sei por onde começar.

- Pois vá em frente. Não teria lhe dado acesso ao vídeo se não estivesse pronta para responder as perguntas que assisti-lo geraria.

- Certo. – Alex se esforçou para organizar seus pensamentos e ser objetivo. – Por que a Crença esconderia a existência do Implante? Por que mentiriam sobre a Marca do Crédulo? Por que diriam sempre a verdade, exceto nesse ponto? A não ser que...

- A não ser que? – Mônica olhou para ele muito animada.

- A não ser que não estejam sempre dizendo a verdade. – Em seu subconsciente, Alex já havia chegado a aquela resposta. O trabalho de Mônica fora guiá-lo para que admitisse suas

suspeitas em voz alta. – Mas por que fariam isso? A Crença é baseada na cumplicidade e na verdade. Como poderiam não dizê-la?

- Você é mais astuto que do que eu imaginava, Alex. – Mônica estava completamente satisfeita, parecia até mesmo mais jovem como no vídeo. – E se tudo que lhes disseram até agora não fosse verdade? E se ensinaram a você que diziam a verdade e que deveria sempre acreditar em suas palavras, porém tudo não passava de mentiras?

- Sim, foi nisso que pensei! O que mais estariam escondendo? O que mais seria mentira? Alguma vez contaram a verdade ou apenas fizeram com que acreditássemos que era a verdade?

- Isso é exatamente o que fizeram. – Mônica se levantou da poltrona. - Distorceram a verdade, criaram uma realidade onde todos acreditavam em suas mentiras a ponto de seus corpos reagirem a cada palavra que dissessem. Essa foi a maneira que usaram para controlá-los, Alex. Pense bem, você não tem se sentido tão mal quanto deveria, não é mesmo? A doença causa enjoos e tonturas a ponto de deixá-lo acamado, no entanto você me parece muito bem para um paciente terminal.

- Então essa é a verdade. Minha doença... Eu não estou morrendo. É só o que queriam me fazer acreditar. – A verdade fluiu através de Alex tirando um peso de suas costas, limpando suas veias e órgãos da L-13. Embora estivesse livre de sua doença, nunca se sentira tão preso a algo quanto agora. Não era mais seu corpo que o prendia, mas sim a Crença. - Mas por que desejariam que eu morresse? Por que desejariam fazer qualquer pessoa morrer?

- Porque alguns de vocês são mais atentos do que os outros. Eles sabem que se deixassem pessoas como você vivas, viriam a questionar a Crença e poderiam colocar todo o sistema deles a baixo. É para isso que serve o dia de Avaliação, para realizarem testes psicométricos que medem quais de vocês tem maiores chances de descobrir a verdade. E quando as

encontram fazem de tudo para que creiam que estão doentes e moribundos. O restante é trabalho do Implante. Se acreditarem que estão morrendo vão realmente morrer.

- Mas por que fariam isso conosco? Por que nos aprisionariam, fazendo-nos acreditar na Crença e matando aqueles que poderiam vir a questioná-los?

- Porque foram eles os reais algozes do mundo antigo, e criaram este novo mundo da maneira que desejaram. Não foram a individualidade e o egoísmo da população e das massas, mas os deles que levaram o mundo antigo ao fim. Eles, os antigos governantes, os ricos e poderosos, a quem hoje chamamos de Pratas. Ao invés de assumirem a culpa de seus atos culpavam a vocês. Pior do que isso, usaram essa culpa para moldá-los e fazer com que acreditassem e seguissem cada palavra que dissessem, fazendo-os reféns de seus próprios corpos. Os tornaram ignorantes, complacentes, obedientes e, ainda, fizeram com que agradecessem por isso, sentindo-se sortudos por serem guiados por eles.

Alex notou o desprezo na fala de Mônica, mas também vergonha.

- Mônica, você gravou aquele vídeo. – Disse tentando encaixar a última peça do quebra-cabeça. – Você é uma deles, uma dos Pratas. Por que está me dizendo tudo isso? Por que está aqui, internada, como um de nós?

- Porque eu vi o quão errado é o que fazemos a vocês. – Mônica pegou a mão de Alex e a levou até sua Marca. – Isso é apenas um desenho, feito para enganar vocês. Os Pratas o fazem para criar um senso de equidade, para que acreditem que somos todos iguais. Isso não é a verdade, talvez seja a maior das mentiras que contamos. Nós controlamos vocês por todas suas vidas e acredito que não seja correto. – Seu olhar baixou e ela pareceu arrependida; não de suas palavras, mas de seus atos. – Quando tentei informá-los, contar-lhes a verdade, o Governante me internou aqui com vocês dizendo a todos que eu havia enlouquecido.

- É isso que precisamos fazer. – Alex agora via tudo com clareza: tinham de contar a todos sobre o que a Crença realmente fazia, afinal, apenas a verdade podia libertá-los. – Precisamos

contar a todos sobre a Crença e sobre o Implante. Essa é a única maneira de nos tornarmos verdadeiramente livres.

- Eu soube que era um rapaz esperto desde que vi você coçando a Marca em sua têmpora. – Mônica sorriu voltando ao ânimo de antes. – Mas ninguém acreditaria nas palavras de uma louca e de um moribundo, e o vídeo sobre o implante pode ser facilmente desacreditado pela Crença para a população. Nem todos são tão perspicazes quanto você, nem tão desesperados.

- Você tem razão. Precisamos fazer as pessoas acreditarem em nós.

- Eu tenho um plano para isso. Não passei os últimos anos presa aqui apenas encarando as paredes. Nós precisamos de uma confissão e tem que vir de alguém que todos os cidadãos vão acreditar. – Piscou para Alex. – Vamos conseguir a confissão do Governante.

Mônica então compartilhou todo seu plano. Combinaram que começariam os preparativos no dia seguinte e no próximo colocariam em prática.

Alex e Mônica passaram todo o dia seguinte se preparando para por o plano em ação. Para isso, Alex precisou levá-la para conhecer Jorge, João e Mariana, os quais seriam os primeiros componentes para que tudo funcionasse. Alex apresentou-a ao trio como uma amiga e após alguns minutos de conversa os três já se sentiam confortáveis com a presença dela. Sendo uma pessoa inteligente e com vasta experiência em ganhar a confiança das pessoas, herança de seus anos como Especialista, Mônica os conquistou facilmente. Com a ajuda de Alex, conheceram naquele dia todos os pacientes da Sessão Nove, considerando que cada um deles seria peça chave no dia seguinte.

Usando de sua oratória cativante, Mônica convenceu todos os pacientes a participar de uma suposta brincadeira que aconteceria no dia seguinte. Essa brincadeira consistia em pregar uma peça nos guardas, algo que deixou todos os pacientes muito animados e bem dispostos a participar. Passaram o dia ensaiando a brincadeira com os mais de oitenta residentes da Sessão Nove, separando os pacientes em grupos menores para que os guardas não

desconfiassem de nada. Mônica era muito determinada e só se deu por satisfeita quando se assegurou que cada um dos participantes soubesse exatamente sua função. A “brincadeira” não era tão elaborada, todavia precisava ser executada com exatidão para que o plano tivesse sucesso.

Na manhã seguinte, logo que todos estavam presentes, o esquema foi colocado em ação. Todos os pacientes estavam na área comum, reunidos em pequenos grupos, fingindo se comportar da maneira habitual. Alex estava sentado perto da porta de saída e Mônica estava do lado oposto da porta. Ela tocou sua têmpera dando o sinal para que a suposta brincadeira começasse.

Assim que viu o sinal de Mônica, Mariana se jogou no chão fingindo passar mal. Tinha suas mãos na barriga e gritava chamando a atenção dos guardas. Quando se aproximaram dela, prontos para levá-la aos Especialistas, outra gestante caiu da mesma maneira que ela do outro lado da sala. Antes que conseguissem entender o que estava acontecendo todas as grávidas começaram a cair no chão como se estivessem sofrendo fortes dores abdominais. Chamaram reforços usando seus comunicadores e logo todos os guardas do Centro da Paz estavam na Sessão Nove acudindo todas as moças caídas, sendo que os Especialistas chegaram instantes depois destes. Tentaram se dividir para socorrer todas as moças, porém eram muitas simulando as dores e não havia Especialistas o bastante.

Nesse momento, Alex e Mônica aproveitaram a confusão causada para sair da área comum. Como combinado, os pacientes que, como Alex, tinham seus dias contados fecharam a porta quando os dois saíram. Os pacientes com transtornos mentais renderam os guardas e tomaram deles suas armas de choque para que não pudessem obrigá-los a abrir a porta. Alex e Mônica correram para o elevador e o encontraram vazio. Mônica, que sabia operá-lo de seu tempo como uma Prata, inseriu os números referentes à Sessão Um no painel. Prontamente, o elevador os levou até o primeiro andar do prédio.

Ao chegar à Sessão Um encontraram o andar vazio. Aparentemente, os Pratas daquele andar não haviam chegado para trabalhar. Os dois atravessaram os corredores e foram direto para a sala de reuniões. Atrás desta encontrava-se o escritório do próprio líder da Crença, o Governante, e Alex e Mônica entraram pela porta da frente para o escritório.

A sala do Governante era grande e bonita, as paredes brancas e os móveis prateados. O principal móvel era uma mesa larga, na qual havia uma tela por onde o Governante comunicava com todos os funcionários da Crença e transmitia mensagens diretamente a todos os televisores da cidade, ao alcance de qualquer cidadão.

- Olá, Governante. - Cumprimentou Mônica ao entrar. Ela permaneceu muito séria e Alex podia sentir sua raiva aumentando.

- Mônica. – Respondeu o Governante abrindo um sorriso branco e aparentemente sincero. Alex já havia visto o Governante em fotos, cartazes e vídeos da Crença, além dos comunicados que fazia a cada mês, no entanto pessoalmente ele lhe pareceu muito mais imponente. Era um homem alto e bonito, com o queixo quadrado, ombro largo e cabelo escuro. Trajava uma roupa padrão dos Pratas, além do paletó prateado que era usado por todos os líderes da Crença. – Que bela surpresa, minha velha amiga. Qual seria o motivo dessa inesperada visita? E quem é seu jovem acompanhante?

– Não me trate como uma ignorante, vejo claramente através dessa sua máscara de cordialidade. – Mônica olhou para Alex. – Esse é Alex, uma das pessoas a quem você e a Crença sentenciaram à morte.

- Queira me desculpar, Mônica, mas temo que tenha esquecido de tomar sua medicação hoje, não está falando de maneira coerente. – Disse o Governante com o semblante inalterado. Parecia ter tamanha certeza do que falava e o fazia de maneira tão confiante que Alex quase acreditou nele, contudo se forçou a ficar firme em seu objetivo. - A Crença não sentenc

ninguém à morte, muito pelo contrário, buscamos sempre tornar a morte uma transição tranquila e confortável para cada cidadão.

- Deixe logo disso! Você não pode nos enganar. – Mônica esbravejou irritada. – Eu já contei tudo a ele, já mostrei como surge a “Marca”. Ele não crê mais em suas inverdades.

O rosto do Governante finalmente mudou de expressão. Agora, Alex podia ver que ele estava mesmo usando uma máscara de dissimulação até aquele momento. Sem mais motivos para continuar fingindo, ela havia caído, tornando sua feição dura e determinada.

- Muito bem, tentei resolver esta situação de maneira indolor. Façamos isso como deseja, então. – Anunciou o Governante, sacando um pequeno controle prateado do bolso de seu paletó. Apertou o botão, apontando-o na direção de Alex e Mônica. Automaticamente, aquele sentiu uma forte corrente elétrica passar por seu corpo. A dor que a corrente trouxe o dobrou até que caísse no chão. Alex viu o mesmo acontecendo com Mônica. – Sempre tem que fazer tudo da maneira mais difícil, não é mesmo, Mônica? Chamarei os seguranças para que os levem de volta para a Sessão Nove e vou assegurar que dessa vez os dois fiquem trancados em seus quartos até que envelheçam e morram. Ninguém nunca ouvirá mais uma palavra de vocês.

- Espere! - Rogou Alex ainda sentindo espasmos pungentes passarem por seu corpo. – Por favor. Se vai nos trancafiar pelo menos atenda ao meu pedido.

- Diga logo antes que eu me canse. – O Governante retorquiu sem o menor traço de piedade em seu olhar.

- Por que mentir para nós? Por que escolher não dizer a verdade, como sempre afirmam fazer?

- Mentir? Nós não mentimos! A verdade é o que nós ditamos. Nós matamos o mundo antigo, um mundo de incerteza e questionamento, e criamos um mundo de verdade absoluta. A verdade é a nossa contribuição como a cumplicidade é a de vocês. Vocês trabalham e

obedecem, é assim que foram criados e é assim que devem viver. Não há mentira pois somos nós que criamos a verdade.

- Então me responda, por que eu? Por que me escolheram para morrer?

- Porque você provavelmente representa uma ameaça para a Crença e para a nossa verdade. Seus testes indicaram isso. Não há espaço para dúvida em nossa sociedade, apenas para a cumplicidade. Precisamos eliminar qualquer um que possa duvidar da Crença e fazer de vocês exemplos para os demais cidadãos, exemplos de que a Crença é absoluta e precisa ser seguida de qualquer maneira, até mesmo na morte.

- Então vocês nos controlam, fazendo de nós seus escravos, fazendo de nossas vidas um trabalho contínuo e vazio para que possamos viver do nosso trabalho sem engendrar esforços? E assim que algum de nós começa a questionar sua verdade vocês nos matam?

- É para isso que criamos esse mundo. É isso que não compreendiam antes. E é por isso que desenhamos essas Marcas em nossas têmporas: para que tenham a noção de que somos iguais a vocês. Mas não somos. A maior verdade da humanidade é a que existem aqueles que nasceram para servir e aqueles que nasceram para governar. Vocês foram criados para trabalhar para nós sem nos questionar. E é por isso que o Implante é essencial: ele assegura que nem seus corpos realmente pertençam a vocês. Se vocês creem que devem viver assim é assim que viverão. Se crerem que devem morrer vocês morrerão, para o bem de todos. E a Crença garante que sempre acreditarão em tudo que dissermos vocês, pois foi assim que foram ensinados por todas as suas vidas.

- Você vê agora, Alex? Foi por isso que a Crença me prendeu na Sessão Nove, afirmando que estava louca. Pois eu, mesmo sendo uma dos Pratas, almejei libertar vocês de sua escravidão. Eles não serão mais seus escravos, Governante, e nem da Crença. – Mônica se colocou de pé. O Governante pareceu completamente confuso e o desespero o assombrou quando ela retirou o *tablet* que escondia debaixo de sua camisa. – E agora, Governante, temos sua confissão.

- O que? – Quando entendeu que Mônica estava filmando-o e gravando tudo que ele dizia, o Governante apontou mais uma vez seu controle de choque para os dois e acionou o botão. Mônica sequer se moveu, entretanto Alex sentiu o choque amassar seus nervos novamente.

- Esqueceu que sou uma Prata, assim como você? Esqueceu que não tenho seu Implante? – Mônica tocou a têmpora. Estivera simulando todo o momento. - Não pode me atingir com seus choques psicossomáticos, Governante. - Ela olhou para Alex que se contorcia com os excruciantes choques. – Vamos Alex, levante-se! O choque não é real, só é real se você acreditar que é!

Alex ainda sentia terríveis descargas elétricas em seu corpo, mas ao ouvir as palavras de Mônica o choque começou a fazer cada vez menos efeito. Colocou um joelho para cima e então o segundo, forçando-se ficar de pé apesar das dores. O Governante apertava o botão enfurecido, não obstante Alex não acreditava mais que os choques podiam machucá-lo.

- Maldição! – Esbravejou o Governante visivelmente desesperado. – Que seja! Chamarei os guardas. – Apertou outro botão em seu controle e o aproximou da boca. – Guardas! Dois pacientes da Sessão Nove estão em minha sala. Não sei como chegaram aqui, mas preciso que sejam removidos da Sessão Um imediatamente. – Aguardou a resposta, porém quando a recebeu não era nada que esperava.

- O senhor guarda não se encontra no momento. Gostaria que passasse algum recado a ele?

- O que... Quem está falando? – Perguntou confuso.

- Aqui é o Jorge.

- Seus guardas estão ocupados, senhor Governante. – Mônica expôs com desdém. Em seguida, jogou o *tablet* para Alex que correu para trás da mesa do Governante. Chegou ao painel de transmissão e conectou o aparelho a ele. – Você precisa contar a eles, Alex. Conte a eles sobre o que fazem a vocês, sobre como quiseram matá-lo, conte-os de suas mentiras!

Envie o vídeo do implante e a confissão do Governante para não haver nenhuma dúvida. Você é um deles e eles precisarão ouvir sua história para que acreditem. Faça-os acreditar!

- Não! – O Governante avançou contra sua mesa. – Afaste-se daí!

- Ei, Governante. Sabe o que realmente pode levar uma pessoa ao chão? – Mônica disse atrás do líder da Crença. Quando ele olhou para trás, ela segurava uma cadeira acima de sua cabeça. – Uma pancada.

Mônica o acertou com a cadeira na cabeça e o Governante caiu no chão.

- Agora é o momento, Alex! Faça, agora!

- Não! – O Governante gritou ainda caído. – Não pode fazer isso. Vocês precisam de nós! Não sabem viver de outra maneira. Sem a Crença, o mundo vai voltar ao que era. É isso o que quer? Anarquia? Extinção?!

- Eu quero que todos saibam a verdade. – Alex tinha certeza do que deveria fazer. – E, acima de tudo, eu quero que todos possam acreditar no que quiserem.

Alex enviou o arquivo com os vídeos para reproduzir em cada televisão, tela e *outdoor* da cidade. Mônica acertou o Governante mais uma vez, fazendo-o desmaiar. Alex ligou o canal de transmissão e se preparou para falar. Ele precisava contar sua história e fazer os cidadãos acreditarem nele.

- Bom dia, cidadãos. Meu nome é Alex e eu gostaria de transmitir uma mensagem. Como vocês, eu sempre contribuí para o progresso da nossa sociedade e costumava crer fielmente na Crença, contudo isso mudou no dia que os Pratas me disseram que eu estava morrendo. Embora não me sentisse doente, eu acreditei neles e fiz tudo o que me mandaram. Os Pratas insistiram que eu deveria estar me sentindo mal e então eu realmente me senti assim! Não era porque realmente estivesse mal, mas porque acreditava na Crença e que devia me sentir assim por estar doente. Foi apenas quando cheguei à Sessão Nove que descobri a verdade. A Crença tem mentido para todos nós todos esses anos. Os Pratas nos criaram para sermos seus

escravos, fabricando suas verdades e nos doutrinando para que acreditássemos em suas palavras. Mentiram sobre a Marca do Crédulo, a qual é, na verdade, uma cicatriz proveniente da aplicação de um Implante que fazem em todos os recém-nascidos da nossa sociedade. Não em todos, é claro, apenas em nós, os trabalhadores, tendo em conta que os Pratas não possuem este Implante, apenas um desenho feito para nos enganar e fingir que somos todos iguais. Eles mentiram sobre como o mundo antigo chegou ao fim. A verdade é que não fomos nós os responsáveis por sua destruição, com a nossa individualidade, foram eles, com a sua ganância! Eles querem ditar como viveremos e como morreremos! Os vídeos que transmitiremos a seguir desta declaração são as provas de minhas palavras. Nós não precisamos deles, mas eles quem necessitam de nós! Precisamos parar de crer na Crença e começar a acreditar em nós mesmos! Precisamos nos libertar!

Alex pressionou um botão na tela, encerrando seu comunicado e transmitindo a declaração de Mônica, uma ex-Prata, e a confissão do Governante. Mônica olhava-o com admiração e seu sorriso ia de orelha a orelha. Minutos depois, o gabinete do Governante foi inundado pelos pacientes da Sessão Nove, liderados por Jorge e João.

- Alex, o plano funcionou! – Exprimiu Jorge orgulhoso. – Deixamos os guardas amarrados na Sessão Nove. É uma boa lição para eles, que nos deixaram presos lá por tanto tempo.

- Responda-me, Alex. O que disse naquele vídeo é verdade? – João perguntou. Seu semblante agora estava mais saudável, não havia traço de sua doença nele. – Para falar a verdade, desde que o assisti me sinto muito melhor!

- Tudo verdade, meus amigos. Mônica e eu conspiramos para revelar as mentiras da Crença.

- Mas nosso trabalho ainda não terminou. – Mônica declamou deixando a cadeira que segurava no chão. – Precisamos reforçar o que foi dito. Vão! Vocês estão livres. Saiam pela cidade e contem a todos o que fizeram conosco. Eles precisam acreditar!

E, assim, os pacientes deixaram o prédio do Centro da Paz e retornaram para os bairros de suas casas, a fim de reforçar a verdade espalhada por Alex.

- Você também, rapaz. Vá e conte a todos a verdade. Você se tornou uma peça chave e ouvirem de você tornará a mensagem ainda mais real. Tenho certeza que existe alguém a quem queira contar pessoalmente que está vivo e bem.

- Você está certa, há alguém que preciso muito ver. – Ele correu até a entrada, entretanto se interrompeu antes de sair. – Obrigado, Mônica. Você pode ter sido uma dos Pratas, mas já não é mais como eles. Devemos a você a nossa liberdade.

- Não precisa me agradecer, Alex. Não é preciso estar em atribulação para notar a dificuldade dos outros. Você não me deve nada, você é livre. Agora vá e viva sua vida em liberdade.

Alex sabia exatamente aonde deveria ir. Deixou o Centro da Paz apressado, despedindo-se dos colegas com quem compartilhou seus dias na Sessão Nove, e correu de volta para seu bairro. Escolheu não pegar uma Célula pois queria sentir o vento em seu rosto após todos aqueles dias de reclusão. Mesmo o cheiro da cidade parecia diferente agora que estava verdadeiramente livre da doença e das amarras da Crença. Chegando ao seu bairro não foi para sua casa, seu objetivo era uma moradia três casas antes da sua. Tocou a campainha e em menos de um minuto Helena veio atendê-lo.

- Alex! – Ela exclamou e o abraçou. – Você está mesmo aqui?! Parece tão bem!

- Sim, estou realmente bem, Helena. – Alex disse sentindo afeição no abraço dela. – Você assistiu aos vídeos?

- Foram transmitidos pelo canal do Governante, todos nós vimos. E você estar aqui confirma tudo o que foi dito. Aquela é mesmo a verdade, não é? Você não está mesmo doente?

- Sim, é a verdade. Estou saudável como sempre estive. A Crença mentiu para nós desde o princípio. Eu vou viver, Helena.

- Eu sempre soube que algo estava errado! Desde que partiu comecei a me questionar tanto e até mesmo ousei questionar a Crença. Minha Marca do Crédulo coçava insistentemente todos os dias. Agora vejo o porquê: eu estava certa!

- Você estava certa porque acreditou em você, ao invés de acreditar neles. Foi exatamente assim que descobri sobre as mentiras da Crença. Neste momento, a única coisa que quero é viver livre. Agora, somos livres para fazer nossas escolhas: escolher como, com quem e de que maneira viver. Somos livres até mesmo para nos parearmos com quem quisermos.

- Somos livres para escolher. – Helena sorriu olhando continuamente para Alex. – Se posso escolher você é aquele a quem escolho para ser meu par. - Ao ouvir aquelas palavras Alex sentiu-se como no sonho em que esteve com Helena há algumas semanas. Nunca sentiu tal felicidade e plenitude como naquele instante. - Mas ainda não consigo compreender, Alex. Nós fomos ensinados a segui-los, a crer em suas palavras, por todas nossas vidas, como poderemos viver de outro modo?

- Nós não precisamos crer neles, Helena. Tudo que precisamos é acreditar em nós mesmos em nossas capacidades de construir um mundo justo e honesto, sem qualquer desigualdade que nos torne díspares ou que oprima e escravize qualquer cidadão. Acredite em mim, Helena. – Alex segurou as mãos de Helena encorajando-a. Naqueles breves momentos todas as dúvidas que tinha sobre a Crença se tornaram reais. Seu desejo de ter sido Pareada a Alex desde o princípio, ao invés de Marcus, voltou a aflorar. No entanto, agora seu sonho podia tornar-se uma realidade e, melhor de tudo, ele parecia corresponder ao seu anseio. Bastava, portanto, que ela acreditasse que podiam ficar juntos e que poderiam construir um novo mundo a partir da centelha que Alex havia despontado no pensamento das pessoas.

Helena olhou para ele e abriu um radiante sorriso, dizendo:

- Eu acredito.

